

## A criança terceirizada – parte 2

### As confissões das babás

Mariana Sgarioni

Fonte: [www.nmagazine.com.br](http://www.nmagazine.com.br)



Nem preciso dizer que o maravilhoso – e indevassável – mundo das pracinhas e parquinhos vira uma árdua rotina de quem se torna mãe ou pai. Faz parte do pacote. O que ninguém conta é que qualquer observador um pouco mais atento repara que este mundo mostra um retrato fiel de como as futuras gerações estão se formando.

Confesso que no início me sentia meio acuada nesses locais – não que agora esta situação tenha mudado, simplesmente me acostumei a ela. Era como se houvesse um Exército dos Clones, aquele do filme Guerra nas Estrelas, só que encarnado em dezenas de mulheres vestidas de branco, todas vindo na minha direção. A maioria me olhava com olhos de indignação, do tipo “o que você está fazendo aqui?”. Até que, certo dia, uma delas veio falar comigo:

“Quem cuida dele?”, disse a babá, apontando para meu filho.

“Eu. Sou a mãe dele”, respondi, meio sem jeito.

“Ele parece bem cuidado, quem diria, hein... A senhora não tem ajuda? Não acredito que cuida dele sozinha...”

Fiz cara de quem não entendeu nada. A babá estava indignada, veja você, como uma mãe poderia cuidar bem do filho. Ela começou a me contar, então, o que já havia presenciado nas casas em que trabalhou – todas de classe média alta, na zona sul do Rio de Janeiro. Histórias de arrepiar os cabelos. Crianças totalmente abandonadas nas mãos das babás desde recém-nascidas, quando já saem desmamadas da maternidade. Pais que nunca deram um banho nos filhos, não dão remédio, nem comida. Descobri, literalmente, um universo de crianças ricas, órfãs de pais vivos. E que tinham atenção, afeto, e seus cuidados básicos garantidos por aquelas mulheres, capazes de amar os filhos dos outros como se fossem os seus. Muitas, aliás, deixam seus próprios filhos pequenos abandonados nas mãos de terceiros para cuidar das crianças dos patrões. Perdem até seus nomes: respondem apenas pela alcunha de “babá”. Verdade seja dita: existem aquelas que não são tão caprichosas; algumas são rudes e tem atitudes questionáveis com as crianças. Mas é assim que se comportam nas suas casas. Foi assim que aprenderam a educar. E quem delega seu filho, deveria saber disso.

Passei a entrevistar várias delas. Fiz das minhas idas às praças uma espécie de trabalho investigativo. Abaixo, selecionei algumas frases que ouvi (os nomes foram trocados para preservar a identidade das babás e das crianças). Leia com calma antes de julgar esta ou aquela babá. E questione, principalmente, de que maneira estão agindo os pais destas crianças. Apontar o dedo para uma babá é fácil – difícil é descobrir onde está a responsabilidade das pessoas que colocaram aquela criança neste mundo.

“Pedrinho, a babá aqui vai tirar uns dias de folga. Por favor, querido, não dê trabalho aos seus pais. Vou rezar muito para eles não brigarem nem baterem em você. Tchau, te amo.”, Maria, babá de Pedro, 2 anos.

“Caio não come há uma semana. É que a babá dele tirou férias e ele só come com ela.”, Carla, babá-folguista de Caio, 5 anos.

“Segunda-feira é sempre assim: pego a Erika toda assada, em carne viva. Os pais dela não trocam muito a fralda no final de semana, sabe como é, têm preguiça ou esquecem. E a bichinha fica assim, toda machucada. Coitadinha”, Paula, babá de Erika, 1 ano.

“Pois é menina, já tive que levar o Eduardo para a emergência do hospital por causa dessas assaduras, acredita? A mãe dele até hoje não entendeu o que houve”, Josefa, babá de Eduardo, 1 ano.

“Preciso correr, pois hoje tenho reunião na escola da Paula e depois tenho que levá-la ao pediatra. A mãe dela? Ah, ela é muito ocupada e não tem tempo. Eu cuido dela muito direitinho, viu?”, Irani, babá de Paula, de 3 anos.

“Neste fim de semana, levei o Antônio lá para minha casa, no morro. Teve tiroteio, ficamos trancados no quarto. Já cansei de ter que levar criança de patrão para a favela, mas não tem jeito, os pais mandam. A mãe do Antônio disse para eu levar o menino, pois ela iria sair e não tinha quem ficasse com ele.”, Fernanda, babá de Antônio, 4 anos.

“Ontem eu estava indo embora e, antes de pegar o trem, meu coração apertou. Resolvi voltar e peguei Francisco sozinho, vendo televisão no apartamento, acredita? A mãe dele foi comprar pão e deixou o menino lá. E a janela nem tem grade!”, Marlene, babá de Francisco, 5 anos.

“Não, Luana, querida, a babá não pode entrar na piscina com você, muito menos usar roupas de banho. Aqui no condomínio, é proibido. Tenho que ficar do lado de fora, só olhando.”, Cristina, babá de Luana, de 3 anos.